



O professor de Língua Portuguesa da Educação Básica como potencial divulgador/popularizador da ciência linguística na escola /

The Portuguese Language teacher in Basic Education as a potential disseminator/popularizer of linguistic science in school

Guilherme Moés*

Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (Proling), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Integrante do grupo de pesquisa Ateliê de Textos Acadêmicos (ATA/CNPq/UFPB). Tem interesse nos seguintes temas: ensino e aprendizagem de leitura e de produção textual; gêneros, sequências e textos-discursos; letramento científico; divulgação e popularização científica.



<https://orcid.org/0000-0003-3372-0795>

Regina Celi Mendes Pereira**

Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2005), é professora Titular do Departamento de Língua e Linguística (DLPL) e do Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba. É membro do grupo ATA/CNPq/UFPB e do grupo de pesquisa GELIT/CNPq/UFPB e do grupo ALTER-PUC/SP. Pesquisadora CNPq 1 D e editora da Revista Prolíngua.



<https://orcid.org/0000-0002-5538-035X>

Recebido em 15 abr. 2025. Aprovado em: 29 abr. 2025.

Como citar este artigo:

MOÉS, Guilherme; PEREIRA, Regina Celi Mendes. O professor de Língua Portuguesa da Educação Básica como potencial divulgador/popularizador da ciência linguística na escola. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 14, n. 2, e-6456, mai. 2025. DOI: 10.5281/zenodo.15707861

RESUMO

Objetivamos avaliar o papel social do professor de Língua Portuguesa da Educação Básica como agente nas práticas linguageiras de divulgação/popularização científica da Linguística na escola e, especificamente: i) caracterizar o ensino como ponte entre a produção científica e a divulgação/popularização; ii) discutir o espaço da Linguística na escola, enfaticamente nas aulas de Língua Portuguesa; e iii) investigar a dimensão agentiva do professor em relação a ações de divulgação/popularização científica da Linguística nas aulas de Língua Portuguesa. Para tanto, além de recuperarmos

*

guilherme.moes09@gmail.com

**

reginacmps@gmail.com



estudos sobre ensino, divulgação científica e popularização científica, analisamos, amparados nas categorias da Semântica do Agir (Machado; Bronckart, 2009), as respostas – geradas via questionário no *Google Forms* – de trinta (30) professores de Língua Portuguesa atuantes na Educação Básica, que colaboraram com a pesquisa de Sousa (2025). Os resultados apontam para o ensino como uma via que, em diálogo com a divulgação científica, pode favorecer o acesso/uso pela sociedade aos conhecimentos científicos, sob a ótica da popularização científica. No tocante ao espaço da Linguística na escola, há consciência do professor sobre a importância e a necessidade de se divulgar/popularizar saberes de Linguística na aula de Língua Portuguesa, bem como há demanda desse professor pelo acesso aos saberes científicos linguísticos, além de já haver ações de grupos pesquisa e instituições para inserir a Linguística na escola e para formar os professores nesse prisma. Quanto à dimensão agentiva, percebe-se a necessidade de maior motivação para a construção da identidade do professor como agente potencial para divulgar/popularizar a Linguística na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Professor de Língua Portuguesa; Educação Básica; Escola; Linguística; Divulgação/Popularização Científica.

ABSTRACT

We aim to evaluate the social role of the Portuguese Language teacher in Basic Education as an agent in the language practices of scientific dissemination/popularization of Linguistics in school and, specifically: i) characterize teaching as a bridge between scientific production and dissemination/popularization; ii) discuss the place of Linguistics in school, emphatically in Portuguese Language classes; and iii) investigate the agentive dimension of the teacher in relation to actions of scientific dissemination/popularization of Linguistics in Portuguese Language classes. To this end, in addition to recovering studies on teaching, scientific dissemination and scientific popularization, we analyzed, supported by the categories of Semantics of Action (Machado; Bronckart, 2009), the responses – generated from a questionnaire on Google Forms – of thirty (30) Portuguese Language teachers working in Basic Education, who collaborated with Sousa's research (2025). The results point to teaching as a path that, in dialogue with scientific dissemination, can favor society's access to/use of scientific knowledge, from the perspective of scientific popularization. Regarding the place of Linguistics in school, teachers are aware of the importance and need to disseminate/popularize Linguistics knowledge in Portuguese classes, as well as there is a demand from these teachers for access to scientific linguistic knowledge, in addition to the fact that there are already actions by research groups and institutions to include Linguistics in schools and to train teachers in this perspective. Regarding the agentive dimension, there is a need for greater motivation to build the teacher's identity as a potential agent to disseminate/popularize Linguistics in school.

KEYWORDS: Portuguese Language Teacher; Basic Education; School; Linguistics; Scientific Dissemination /Popularization.

1 Ponto de partida

1) Quem criou a Teoria da Relatividade?; 2) Quem descobriu a Lei Fundamental da Gravitação?; 3) Quem criou a lâmpada?; 4) Quem escreveu o livro “A origem das espécies”?; Mas o que é isso?! Você pode nos indagar: mas o que essas perguntas têm a ver com Linguística ou, melhor ainda, o que têm a ver com o professor¹ de Língua Portuguesa da Educação Básica como potencial

¹ Justificamos o uso da expressão “O professor”, no decorrer deste trabalho, para nos referirmos à classe docente no geral, considerando-se todos os sexos e gêneros.



divulgador/popularizador da Linguística na escola? Antes de sanarmos a sua inquietação, respondamos às quatro questões postas: 1) Albert Einstein; 2) Isaac Newton; 3) Thomas Edison; 4) Charles Darwin. Pressupomos que deva ter passado por sua cabeça pelo menos um desses nomes e que, muito provavelmente, você o(s) tenha escutado nas aulas que teve na escola, quando não em outros contextos, a exemplo de televisão, jornais e/ou redes sociais digitais. Esses nomes são de cientistas? Há dúvidas de que são cientistas? Provavelmente, você responderá que são quatro grandes cientistas. O primeiro atrela-se fortemente à área da Física, assim como o segundo e o terceiro. O quarto representa a área de Biologia. Temos, então, representantes das ciências exatas e biológicas. E o que há de especial ou de importante nisso? Sigamos.

Continuemos com as provocações. Na Educação Básica, no contexto escolar, mais precisamente no Ensino Médio, você já ouviu falar, por exemplo, em: 1) Ferdinand de Saussure e a Teoria do Signo Linguístico?; 2) Roman Jakobson e a Teoria da Comunicação?; 3) William Labov, por acaso?; 4) Marcos Bagno?; 5) Maria Helena de Moura Neves?; 6) Luiz Antônio Marcuschi, sim?; Ou não? Quem são essas pessoas? São cientistas? Se sim, representam que área do conhecimento? Ciência linguística, confere? Está conseguindo perceber? No Ensino Médio brasileiro, em que medida os estudantes têm tido acesso explícito aos nomes dos linguistas e aos conteúdos de suas teorias? Sabemos que a disciplina escolar atual que mais se aproxima desses saberes é a de Língua Portuguesa, e até mesmo esses saberes linguísticos chegam a ser discutidos implicitamente, pois, a título de exemplificação: 1) as noções de linguagem, língua, fala e significado estão presentes na sala de aula de Língua Portuguesa, embora não se costume, geralmente, mencionar Ferdinand de Saussure, considerado o “pai da Linguística moderna”, instaurador do estruturalismo linguístico, que concebeu, dentre outros conceitos, a noção de sistema linguístico; 2) a Teoria da Comunicação de Jakobson é retratada a partir dos elementos da comunicação (emissor, receptor, mensagem, código, canal e contexto) e as respectivas funções da linguagem (emotiva, apelativa, poética, metalinguística, fática e referencial); 3) as relações entre língua e sociedade, a partir das discussões sobre variações linguísticas, tão recorrentes até nos livros didáticos, costumam ser feitas sem qualquer menção ao fundador da Sociolinguística, Labov; 4) o preconceito linguístico, estreitamente vinculado aos estereótipos criados em relação às variações, que foi abordado em obra de título homônimo produzida pelo linguista brasileiro Marcos Bagno, que talvez não seja de conhecimento de estudantes do Ensino



Médio; 5) as reflexões em torno da língua em uso, em funcionamento, atreladas à corrente funcionalista, estudadas durante uma vida inteira pela linguista Neves, às vezes, se já costumam ser escanteadas pela abordagem da gramática normativa, tampouco costumam ser explicitamente vinculadas à autoria de uma pessoa que faça ciência linguística; 6) os conteúdos sobre gêneros textuais são recorrentes e alicerçam a construção de atividades diversas em toda a Educação Básica, mas um dos grandes estudiosos brasileiros sobre a temática, Luiz Antônio Marcuschi, talvez não passe de um “qualquer”, um “desconhecido”, um “fulano de tal”.

Pensemos: por que estudantes da Educação Básica, geralmente, sabem os nomes e podem, até mesmo, saber as teorias de cientistas relacionados às ciências exatas, naturais, biológicas e/ou da saúde, mas provavelmente (para não generalizar) pouco conhecem nomes de cientistas da área da Linguística? Por que, na escola, os professores da disciplina de Biologia mencionam explicitamente Gregor Mendel quando abordam os conteúdos de genética, os de Química, ao trabalharem os modelos atômicos, discutem o “modelo atômico de Dalton”, o “modelo atômico de Thomson” e assim por diante, os de Física falam das três “Leis de Newton”, das “de Kepler”, os de Matemática, por vezes, citam Euler-Venn quando discutem os diagramas para representação gráfica de conjuntos, mas os professores de Língua Portuguesa, muitas das vezes, não compartilham com os estudantes os cientistas e as teorias relacionadas aos conhecimentos linguístico-gramatical-discursivos abordados? Em que medida a Linguística deve (ou não) ser ensinada explicitamente nas aulas de Língua Portuguesa na escola básica? O que (não) significa esse ensino explícito? Como (não) fazer isso? Como o ensino explícito da Linguística na escola pode (ou não) favorecer à sociedade o acesso e o uso consciente no cotidiano dos conhecimentos dessa ciência, sob o prisma da divulgação/popularização científica?²

Diante dessas provocações e dessa breve contextualização, neste trabalho, objetivamos, em linhas gerais, avaliar o papel social do professor de Língua Portuguesa da Educação Básica como agente nas práticas linguageiras de divulgação/popularização científica da Linguística na escola. Nesse pano de fundo, objetivamos também, de forma mais específica: i) caracterizar o ensino como

² Esta produção está relacionada ao projeto “Divulgação/Popularização científica da Linguística: aspectos teóricos, formativos e textuais-discursivos”, processo de número 421969/2023-7 (Edital Universal 2023), a quem agradecemos o apoio financeiro.



ponte entre a construção do conhecimento científico e a respectiva divulgação/popularização desse saber; ii) discutir o espaço de inserção da Linguística na escola, enfaticamente nas aulas de Língua Portuguesa; e iii) investigar a dimensão agentiva do professor em relação a ações de divulgação/popularização científica da Linguística nas aulas de Língua Portuguesa. Para tanto, serão analisadas respostas – geradas mediante aplicação de questionário *online* via *Google Forms* – de 30 professores – colaboradores da pesquisa de doutorado do primeiro autor deste artigo (Sousa, 2025) –, com representantes de todas as cinco regiões do Brasil, os quais têm formação em Letras e afirmam estar em atuação na docência na disciplina de Língua Portuguesa da Educação Básica. Serviram de base para as análises e discussões os estudos sobre ensino, divulgação e popularização científica, além das categorias da Semântica do Agir propostas por Machado e Bronckart (2009), sob o aparato teórico-metodológico geral do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), consoante Bronckart (1999).

Em termos organizacionais, para além destas palavras iniciais, este artigo é constituído por mais cinco seções na seguinte ordem: a seção metodológica; a que trata das relações entre ensino, divulgação e popularização científica; na sequência, a que retrata o espaço da Linguística na Educação Básica; na penúltima, aborda-se a potencialidade do professor de Língua Portuguesa da Educação Básica como agente importante para divulgar/popularizar a ciência linguística na escola básica; por fim, as considerações finais, que são seguidas pelas referências.

2 Aspectos metodológicos

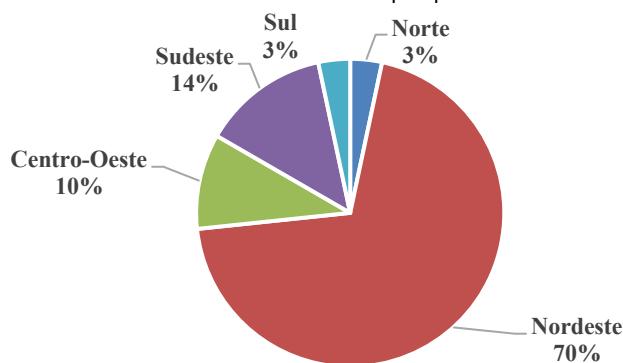
Este trabalho corresponde a um desdobramento da pesquisa de doutorado de Sousa (2025), em que se discutiram os aspectos sócio-históricos de constituição da Linguística como ciência no Brasil e sua respectiva divulgação/popularização, o agir de linguistas como agentes divulgadores/popularizadores da ciência que representam, e as respostas que a sociedade tem dado à divulgação/popularização da Linguística. Para este artigo³, recortamos as respostas de um dos grupos de colaboradores da pesquisa, a saber, professores de Língua Portuguesa atuantes na

³ O presente artigo recorre a dados relacionados à pesquisa de doutorado de Sousa (2025), mas que nesta discussão são abordados sob outra perspectiva de análise, configurando, assim, o caráter de ineditismo.



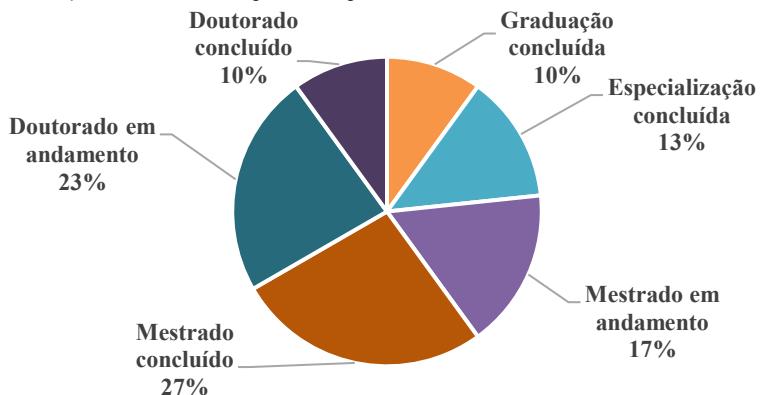
Educação Básica no Brasil, com vistas a compreender melhor o papel desses agentes na condição de divulgadores/popularizadores científicos da Linguística pela via do ensino nas aulas de Língua Portuguesa na escola. Essas respostas (30 no total) foram obtidas em um formulário *online* (*Google Forms*) que ficou aberto para ser respondido entre 01/09/2023 e 31/12/2023. Na Fig. 1, podemos visualizar a representatividade dos professores de Língua Portuguesa atuantes na Educação Básica em relação às regiões do país a que pertencem.

Figura 1: Distribuição, por região do Brasil, dos professores de Língua Portuguesa atuantes na Educação Básica colaboradores da pesquisa.



Fonte: Dados da pesquisa de Sousa (2025).

Como é possível notar (Fig. 1), há uma prevalência de participantes da região Nordeste o que pode ser explicado pelo fato de o pesquisador pertencer à região e de o instrumento de geração/coleta de dados (o questionário via *Google Forms*) ter sido compartilhado com colegas, amigos e familiares em grupos de *WhatsApp*, inclusive alguns voltados à pós-graduação, fato este que também pode explicar a composição da escolaridade dos colaboradores (Fig. 2), dentre os quais 60% possuem pelo menos o mestrado concluído, indicando um nível elevado de formação acadêmica.

Figura 2: Escolaridade dos professores de Língua Portuguesa atuantes na Educação Básica colaboradores da pesquisa.

Fonte: Dados da pesquisa de Sousa (2025).

O questionário a que responderam – para além de questões sobre idade, estado e cidade, maior nível de escolaridade, curso de formação, se atua na área de formação, instituição em que atua, se é de rede pública ou de rede privada, modalidade de ensino e etapa da Educação Básica em que atua⁴ – era composto pelos seguintes questionamentos: 1) Para você, o que é ciência?; 2) Por que a Linguística é uma ciência?; 3) Qual o objeto de investigação da ciência linguística?; 4) O que significa divulgar/popularizar a ciência linguística?; 5) Como linguista, quais são seus direcionamentos de pesquisa, isto é, o que você tem pesquisado/praticado?; 6) Os resultados das suas pesquisas têm chegado ao conhecimento do público leigo ou não-especialista?; 7) As pesquisas científicas da Linguística são (re)conhecidas pela sociedade em geral? Por quê?; 8) Na condição de professor(a) de Língua Portuguesa, você aborda algum conhecimento científico no cotidiano da sala de aula? Se sim, exemplifique; 9) Há abordagem de conteúdos da ciência linguística nas suas práticas em sala de aula? Se não, por quê? Se sim, como ocorre essa abordagem?; 10) Você se considera um divulgador/popularizador dos conhecimentos científicos da Linguística em sala de aula? Por quê?

Para este artigo, a pesquisa desenvolvida foi de abordagem qualitativo-interpretativista, de natureza aplicada, de objetivos exploratórios e descritivos e, ainda, de procedimentos documentais,

⁴ Desses questões mais gerais, para este artigo, são importantes as seguintes constatações a que chegamos: dos 30 colaboradores, 26 atuam na rede pública, 3 atuam na rede privada, 1 atua tanto na rede pública quanto na rede privada. Sobre a etapa de atuação na Educação Básica: 7 atuam somente no Ensino Médio, 16 somente nos Anos Finais (6º ao 9º ano) do Ensino Fundamental, 5 tanto no Ensino Médio quanto nos Anos Finais do Ensino Fundamental, 1 nos Anos Iniciais (1º ao 5º ano) Ensino Fundamental e no Ensino Médio, e 1 na Educação Infantil e no Ensino Médio.



bibliográficos e de estudo de caso (Silveira; Córdova, 2009; Gil, 2002). Nessa toada, selecionamos para análise as respostas dos colaboradores às questões 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10, tendo em vista que são as mais relacionadas aos objetivos elencados para este trabalho. A análise das respostas à questão 4 é feita na seção *Qual o espaço da Linguística na Educação Básica?*, ao passo que, na subsequente, as demais são contempladas, em diálogo com reflexões sobre ensino, divulgação/popularização científica e a Semântica do Agir (Machado; Bronckart, 2009).

Feitas essas considerações, passemos adiante a uma sistematização em torno das noções de ensino, divulgação e popularização científica e suas interconexões.

3 Ensino, divulgação e popularização científica: intersecções

No contexto de educação escolar, não se pode falar nem em ensino, tampouco em divulgação/popularização, sem que antes falemos de construção/produção do conhecimento científico. Fazer ciência é o alicerce para o ensino, a divulgação e a popularização científica.

A produção de ciência acontece, em linhas gerais, a título de exemplificação, por intermédio do método científico, na medida em que um pesquisador observa a realidade e, a partir dela, recorta um objeto (atrelado ao mundo objetivo/físico, social ou subjetivo) a ser alvo da investigação, levanta questão sobre esse objeto recortado. A partir disso, apresenta-se hipótese como uma resposta prévia a tal questão, seguindo-se com a testagem/experimentação. No caso de a hipótese ser confirmada, transforma-se em teoria (saber científico); caso não seja, cabe ao cientista/pesquisador pensar em outras possibilidades de respostas. Essa descrição é, basicamente, representativa do método científico tradicional/positivista, alicerçado em uma ciência fechada que finda em si, isto é, nessa concepção de produção científica, o fim é a teoria.

Não obstante, amparados no escopo do ISD (Bronckart, 1999), que defende a linguagem como peça-chave para compreensão do desenvolvimento humano, e na Linguística Aplicada Indisciplinar (Moita Lopes, 2006, 2009), concebemos que esse método científico carece de maior inteligibilidade diante das realidades humanas/sociais, ou seja, defendemos que o método científico ultrapasse a bolha da própria academia e alcance o diálogo com a sociedade, tanto no sentido de retornar às pessoas em geral os resultados/descobertas obtidos pela ciência, como também no que



tange a escutar e abrir o debate com a população em relação a tais achados, de modo que as pessoas desenvolvam uma responsividade sociocientífica. Nesse ponto, defendemos que a interação entre ciência e sociedade possa ser fomentada por diferentes vias, como o ensino, a divulgação científica, a extensão, dentre outras possibilidades.

O ensino, nas palavras de Libâneo (2013, p. 22), “[...] corresponde a ações, meios e condições para realização da instrução”, esta, por sua vez, relacionada “[...] à formação intelectual, formação e desenvolvimento das capacidades cognoscitivas mediante o domínio de certo nível de conhecimentos sistematizados.”. Como é possível notar, a ideia de ensino como ação encontra-se em sintonia com a perspectiva do ISD segundo a qual as interações humanas acontecem por meio da ação linguageira (Bronckart, 1999), as quais se encontram imbuídas de pré-construções sócio-histórico-culturais e subjetivas dos agentes, semelhantemente à ideia segundo a qual Libâneo (2013) preceitua as instruções no nível da formação intelectual. O ensino é, portanto, uma ação de linguagem atrelada à mediação do conhecimento, o que, no contexto escolar, se vincula ao professor como agente, sem jamais desconsiderar o papel ativo do aluno nesse processo.

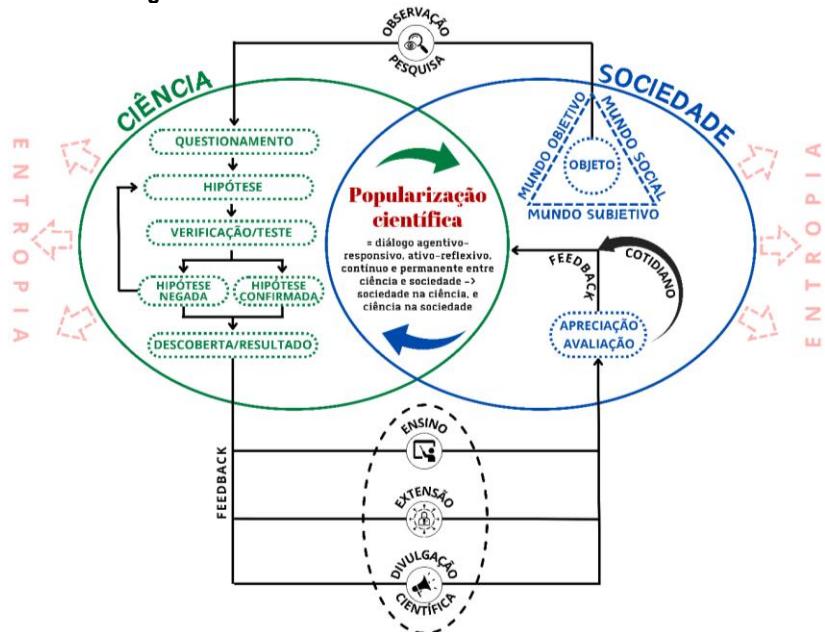
Em relação à mediação de saberes, Bueno (1984) nos diz que a difusão científica, isto é, espalhar conhecimento científico, pode ocorrer de duas formas gerais: entre especialistas (*disseminação científica*) – de uma mesma área (intrapares) ou de áreas diferentes (interpares) – ou de especialistas para não-especialistas (divulgação científica). Nas palavras de Leibruder (2011), a divulgação científica corresponde a uma tradução intralingual, isto é, refere-se à transformação de uma linguagem técnica em uma linguagem menos especializada, dentro de uma mesma língua. Zamboni (2001) situa a divulgação científica não apenas como a reformulação do discurso científico, mas sim como a construção de um novo discurso, que envolve uma autoria ativa. Grillo (2013) caracteriza a divulgação científica como uma relação dialógica entre a esfera científica e outras esferas da atividade humana, como a jornalística e a literária. Para Reis (1964), a divulgação científica relaciona-se à comunicação acessível ao público sobre os fatos científicos, os quais motivam a discussão em torno da ciência. Para esse autor, considerado o “pai da divulgação científica brasileira”, há uma estreita relação entre divulgação científica e ensino:



[...] podemos dizer que a divulgação científica realiza duas funções que se completam: em primeiro lugar, a função de ensinar, suprindo ou ampliando a função da própria escola; em segundo lugar, a função de fomentar o ensino. Esta última função desdobra-se em várias outras, como despertar o interesse público pela ciência e assim forçar, mediante as pressões pelas quais normalmente se exerce a vontade popular nas democracias, a elevação do nível didático das escolas; despertar vocações e orientá-las; criar entre os jovens o espírito associativo em torno da ciência; estimular o amadorismo científico, onde ele tenha cabimento, amadorismo esse que pode constituir apreciável reserva da força de trabalho científico de uma nação. (Reis, 1964, p. 352)

A partir dessa reflexão de Reis (1964), que evidencia a divulgação científica como fomento do ensino, podemos pensar sobre as conexões que podem emergir do uso de textos de divulgação científica em sala de aula, e mesmo acerca de como o professor de Língua Portuguesa pode compartilhar e discutir com seus estudantes sobre estudos científicos que, porventura, tenha realizado. Em linhas gerais, pensamos o ensino como uma das vias para popularização do conhecimento científico, nos moldes defendidos na tese de doutorado de Sousa (2025), assim como a divulgação científica também se constitui uma dessas vias, e que pode se relacionar com a do ensino. De forma ilustrativa, observemos a Fig. 3 para entendermos as relações entre *ciência* → *ensino* e *divulgação científica* → *popularização científica*.

Figura 3: Funcionamento do sistema *ciência ↔ sociedade*.



Fonte: Sousa (2025).



Nesse sistema *ciência ↔ sociedade*, respaldado nos princípios do ISD e da Linguística Aplicada, soma-se à sistematização do método científico tradicional o *feedback* que a ciência precisa dar à sociedade, seja pela via do ensino, pela extensão, seja pela divulgação científica ou mesmo a partir da relação entre elas. Segue-se com a apreciação desses saberes pela sociedade que, a partir de então, pode fazer uso deles no cotidiano e também promover um diálogo agentivo-responsivo-ativo-reflexivo, contínuo e permanente com a ciência, em uma intersecção entre ciência e sociedade, semelhante à noção de popularização científica defendida por Motta-Roth (2009) e Sousa (2025) como o uso/incorporação da ciência no cotidiano social, como parte integrante da vida das pessoas – o que demanda, então, ação, como a possibilitada pela via do ensino. Esse sistema é constituído pelas relações, tanto da ciência quanto da sociedade, com os mundos objetivo, social e subjetivo, apesar de, na Fig. 3, ilustrarmos tais mundos atrelados ao contexto para recorte do objeto a ser alvo de investigação científica. Ainda, a entropia corresponde à tendência que o sistema tem para a desorganização e pode ser associada a fatores como: carência de educação científica da sociedade; desinteresse das pessoas por ciência; e outros.

Dessa maneira, na identificação do perfil desse professor que atua na Educação Básica e seu potencial papel como divulgador/popularizador da ciência linguística na escola, recorremos à análise da dimensão do agir proposta por Machado e Bronckart (2009), segundo a qual o agir pode ser interpretado a partir de três planos: o motivacional (agir por quê?), imbricado aos determinantes externos e aos motivos particulares; o da intencionalidade (agir para quê?), relacionado às finalidades sociais e aos objetivos particulares; e o dos recursos (agir por meio de quê?), atrelado aos instrumentos e às capacidades. Essas categorias foram utilizadas nas análises das respostas dos colaboradores às perguntas dos questionários selecionadas para compor o *corpus* deste artigo.

Alcançado, nesta seção que aqui se encerra, o primeiro objetivo específico a que nos propusemos, qual seja, *i) caracterizar o ensino como ponte entre a construção do conhecimento científico e a respectiva divulgação/popularização desse saber*, passemos à discussão relativa ao espaço da Linguística na escola básica.



4 Qual o espaço da Linguística na Educação Básica?

Na Educação Básica, o foco de atuação do professor de Língua Portuguesa com formação em Letras se dá nos Anos Finais do Ensino Fundamental (do 6º ao 9º ano), bem como no Ensino Médio, já que as etapas da Educação Infantil (creche e pré-escola) e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (do 1º ao 5º ano) são costumeiramente assumidas por professores com formação em Pedagogia. Dado que este artigo e os colaboradores vinculam-se à categoria do professor de Língua Portuguesa em específico na condição de especialista em língua(gem), isto é, com formação em Letras, as considerações aqui feitas encontram-se imbricadas, então, ao cenário da disciplina de Língua Portuguesa nos Anos Finais do Ensino Fundamental e, mais ainda, no Ensino Médio.

Não queremos dizer com isso que as discussões aqui implementadas sobre a Linguística na disciplina de Língua Portuguesa só devam existir do 6º ano do Ensino Fundamental em diante. A Linguística também é para crianças, e os profissionais da área de Pedagogia também podem trabalhá-la, inclusive, se for o caso, mediante parceria com especialistas/linguistas. Você pode dizer: “Aí já é demais! Linguística pra criança?”. Vamos retrucar: já ouviu falar na revista *Ciência Hoje das Crianças*? Pois é, a ciência também é para as crianças, claro que a abordagem dos conhecimentos científicos deve considerar as singularidades de desenvolvimento cognitivo e de aprendizagem de cada grupo de pessoas. Como revela uma frase recorrentemente atribuída ao filósofo Pitágoras: “Educai as crianças para que não seja preciso punir os adultos”; imaginemos um mundo em que as pessoas tivessem acesso desde cedo, quando crianças, à educação científica, como estaríamos hoje, não é mesmo?

Além disso, por vezes, há um paradigma segundo o qual Língua Portuguesa não é ciência ou que a disciplina de Língua Portuguesa não se faz terreno para discussões de ciência linguística. A propósito disso, Teles e Lopes (2019, p. 126) problematizam:

[...] para grande parte dos educadores a proposta não parece plausível, em razão de que, numa aula de língua portuguesa, não se deve lidar com ciência. Redação, gramática e literatura, as três disciplinas nas quais o conteúdo de português costumeiramente se divide na Educação Básica, não são terrenos propícios ao trabalho com o procedimento científico. Para que se possa conceber uma proposta como essa, também é necessário despir-se da visão tradicional de ensino de



português. Com os diversos avanços tidos nos estudos acadêmicos da linguagem, não é mais possível entender a aula de língua portuguesa — mais especificamente a parte dela que se destina ao trabalho com gramática — como o momento de privilegiar somente o estudo de uma variedade, a de prestígio, em detrimento das demais. É preciso começar a encarar a aula de português cientificamente, um laboratório onde os alunos estarão expostos a diversos dados de linguagem e, com eles, experimentar hipóteses acerca de sua língua. A partir desse ponto de vista é possível conceber, sim, a aula de português como um espaço adequado para o tratamento de questões relativas ao ensino de ciência.

Como sugerem os autores, a abordagem tradicional nas aulas de Língua Portuguesa não coaduna com a realidade de usos da língua dos estudantes, logo, distancia-se de suas realidades, provocando, muitas das vezes, rejeição à disciplina. Divulgar/popularizar a ciência linguística na escola é diferente de ensinar da gramática normativa, embora até isso possa ser discutido linguisticamente, sob um olhar científico. A própria Base Nacional Comum Curricular/BNCC (Brasil, 2018) preconiza o trabalho do professor na disciplina de Língua Portuguesa a partir de perspectivas sociointeracionistas, com base na criticidade, no desenvolvimento da cidadania, em consonância com os contextos sociais e as realidades dos estudantes. Se assim o é, não restam dúvidas de que a abordagem da Linguística no componente de Língua Portuguesa carece de acontecer, pois, para além de decorar regras muitas vezes incondizentes com os usos reais da língua, o estudante precisa se sentir instigado à curiosidade em relação às questões de língua(gem).

Na análise das respostas dos colaboradores, o espaço da Linguística na escola começa a ser percebido a partir do questionamento 4) *O que significa divulgar/popularizar a ciência linguística?*, quando, por exemplo, uma das colaboradoras defende a Linguística para além de uma ciência restrita ao curso de Letras, mas como um saber necessário a toda a sociedade, no decorrer da educação escolar:

Entender que a linguística não se trata apenas de uma ciência específica do curso de Letras, mas de um estudo que está em toda parte, inclusive ao nosso aluno das séries iniciais, fundamental, médio, superior. Depois dessa consciência ela (a linguística) passa a fazer parte da vida das pessoas como as demais ciências. (Afrodite/49/PI⁵)

⁵ Adotamos como padrão de referência para identificação do colaborador enunciador de uma dada resposta o seguinte: (Nome / Idade / Sigla do estado a que pertence).



Semelhantemente à Afrodite, outras duas professoras reforçam a necessidade de a Linguística alcançar os estudantes na escola: “*Seria a divulgação das mais variadas pesquisas relacionadas à linguística e que tal estudo esteja ao alcance de estudantes e pesquisadores*” (Carolina/27/PB); “*Trazê-la para o âmbito da sala de aula de um modo mais acessível ao alunado de cada instituição*” (Diadorim/29/PB). Para além disso, outro colaborador toca em um ponto importante, relativo ao embate entre a abordagem linguística e a gramatical, na medida em que: “*A popularização da ciência linguística seria uma maneira de a população geral conhecer o objeto de estudo da linguística e entender que a língua se constitui a partir de contextos sociais e não apenas de regras gramaticais*” (Will/24/GO).

Diante disso, defendemos a abordagem explícita dos conteúdos científicos linguísticos da escola. Ensino explícito da Linguística na escola, do que se trata? Não se trata apenas de tomar os saberes linguísticos construídos na universidade como pano de fundo para o trabalho do professor de Língua Portuguesa – o que já se faz indispensável –, mas sim de haver sistematização e transposição didática das teorias linguísticas para a formação cidadã de estudantes críticos, participativos e sensíveis frente às questões científicas que se atrelam ao estudo da língua(gem). Não se trata também de promover um ensino tradicional ou asséptico da Linguística, focado em memorização simplista de nomes de linguistas e de teorias, mas sim de promover o desenvolvimento do senso crítico-científico-investigativo dos estudantes em relação a questões de língua(gem) que lhes sejam de interesse, tomando por base os conhecimentos científicos que a Linguística tem a lhes oferecer. Não se quer promover com o ensino de Linguística o que se fez com o ensino de gramática, isto é, não se quer aqui defender a ideia de se ensinar aos estudantes a decorarem nomes de linguistas e suas teorias por si só, mas sim de fazê-los compreender as questões de língua(gem) sob uma ótica científico-investigativa.

Uma colaboradora enfatiza a necessidade de os saberes científicos linguísticos também chegarem ao próprio professor da Educação Básica, o que implica uma discussão sobre a necessidade de formação desse docente: “*Fomentar e divulgar publicações que cheguem aos professores da educação básica. Fomentar e divulgar canais do YouTube com conteúdos acessíveis sobre as pesquisas realizadas.*” (Ângela/48/PR). Por essa demanda formativa é que a pesquisa de



doutorado de Sousa (2025) também contou com colaboradores do grupo de professores de estágio supervisionado atuantes em cursos de licenciatura em Letras/Português/Linguística no Brasil, os quais ratificaram essa necessidade de formação inicial pensando-se a divulgação/popularização da Linguística na escola, apesar de que, de forma mais saliente, ainda como subsídio para a prática docente, e não necessariamente como objeto de ensino.

Nessa perspectiva, o evento *Abralin em Cena – Popularização da Linguística*, realizado em novembro de 2021, contou com uma oficina intitulada *O professor de língua como divulgador científico*, ministrada por Vitor Hochsprung, com a seguinte proposta:

Se imaginarmos um contexto em que uma pessoa especialista em um assunto fala para dezenas de outras pessoas leigas (no sentido mais puro da palavra), não demora muito para que pensemos em uma sala de aula da Educação Básica. Visto isso, é cabível considerar esse espaço um ambiente bastante propício para fazer divulgação científica. A oficina propõe, para discussão, temas relacionados ao ensino, ciência e popularização da Linguística, além de atividades práticas para os participantes, a fim de refletir acerca do ensino científico nas aulas de gramática e de relacionar as práticas docentes com as práticas de divulgação e popularização científica da Linguística, ciência que se dedica ao estudo da linguagem humana. (Abralin, 2021, s/p).

O referido ministrante também atua como divulgador científico em redes sociais digitais, além de integrar o Laboratório Linguística na Escola (LALES^C)⁶, cadastrado como grupo de pesquisa no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sob a liderança da Prof.^a Dr.^a Sandra Quarezmin, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Esse grupo focaliza estudos na área de Teoria e Análise Linguística em diálogo com a Educação Básica, considerando-se os benefícios do trabalho com metodologia científica nas aulas da língua no contexto escolar. Sob esse prisma, Quarezmin (2017, p. 88) defende “[...] que os professores de língua portuguesa podem trabalhar em sala de aula fenômenos linguísticos que propiciem a reflexão da língua enquanto objeto de estudo”.

⁶ Endereço para acessar o espelho do grupo LALES^C no CNPq: www.dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0592506779623434. Acesso em: 22 fev. 2025.



Na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), também, o grupo de pesquisa Ateliê de Textos Acadêmicos (ATA)⁷, sob a liderança da segunda autora deste trabalho, do qual também faz parte o primeiro autor, tem se interessado e promovido ações voltadas ao trabalho com a Linguística na Educação Básica. Como exemplos de trabalhos ligados ao grupo ATA nessa dimensão, temos a dissertação de mestrado de Sousa (2022), que investigou a apropriação de práticas de letramento científico por alunos de uma turma do Ensino Médio no processo de produção do gênero artigo de divulgação científica a partir do gênero artigo científico que contemplasse temas da Linguística; ainda, durante o ano de 2024, o primeiro autor deste artigo, na condição de professor de Língua Portuguesa em atuação na Educação Básica, desenvolveu um projeto de intervenção junto a uma turma de Ensino Médio, em parceria com o grupo de pesquisa ATA, em que os estudantes – a partir de estudos sobre noções gerais de Linguística como ciência, o método científico e conceitos caros à Sociolinguística (variação linguística, preconceito linguístico e outros) –, organizados em grupos, planejaram projetos de pesquisa, construíram e aplicaram questionários para geração/coleta de dados linguísticos, descreveram e analisaram esses dados em minicurso ofertado pelo grupo ATA, e, para culminância, produziram vídeos, publicados em redes sociais digitais, para divulgação aos colaboradores e à comunidade em geral sobre os resultados/descobertas a que chegaram.

Nesse direcionamento, podemos perceber um certo interesse e consciência das colaboradoras Afrodite, Carolina e Diadorim sobre a necessidade de abertura do espaço da sala de aula para o trabalho com a Linguística na escola, como também, segundo indica a colaboradora Ângela/48/PR, a importância de que os saberes científicos linguísticos cheguem aos professores de Língua Portuguesa da Educação Básica, e, ainda, grupos de pesquisas vinculados a universidades do país têm se desdobrado em um movimento em torno da Linguística na escola, na Educação Básica. E não apenas grupos de pesquisa têm se preocupado com isso, já que a Associação Brasileira de Linguística (Abralin), no primeiro trimestre de 2025, possui três comissões que se relacionam às discussões aqui implementadas: Linguística na Educação Básica, sob a coordenação de Julio William Curvelo Barbosa (UNESPAR) e Shirlei Marly Alves (UESPI); Linguística e Olimpíadas, coordenada

⁷ Endereço para acessar o espelho do grupo ATA no CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1192654638114164>. Acesso em: 22 fev. 2025.



por Cleber Ataíde (UFPE) e Bruno L'Astorina (Representante do Instituto Vertere – OBL); Popularização da Linguística, que é coordenada por Luana De Conto (UFPR) e Lou-Ann Kleppa (UNIR). Destacamos aqui essa segunda comissão, pensando-se – a despeito da descontinuação da Olimpíada de Língua Portuguesa (que focalizava o processo de produção de diferentes gêneros de textos na escola), cuja última edição foi em 2021 – na Olimpíada Brasileira de Linguística (OBL) – iniciada no Brasil em 2011 –, já que se trata de um evento que tem, digamos assim, ganhado fôlego no país, apesar de que, aparentemente, haja uma carência formativa ou mesmo receio do desconhecido por parte dos professores de Língua Portuguesa da Educação Básica no sentido de estimular a participação dos estudantes.

Em linhas gerais, o espaço da Linguística na escola básica ainda parece ser tímido, embora, com base nos dados analisados, haja professores cientes da urgência de inserção da escola como espaço para divulgação científica dessa ciência, além de que há movimentos institucionais que têm buscado quebrar as barreiras de resistência à inserção da Linguística na Educação Básica.

Diante das discussões empreendidas aqui e que atendem aos propósitos relativos ao nosso segundo objetivo específico com este trabalho, *ii) discutir o espaço de inserção da Linguística na escola, enfaticamente nas aulas de Língua Portuguesa*, abordamos, na seção seguinte, a potência desse professor como divulgador/popularizador da ciência linguística no contexto escolar.

5 A potência do professor de Língua Portuguesa como agente de divulgação/popularização da Linguística na escola

Qual o perfil desse professor capaz de atuar como agente divulgador/popularizador da Linguística na escola? Para respondermos a esse questionamento, analisamos as respostas dos 30 professores de Língua Portuguesa atuantes na Educação Básica e que participaram da pesquisa, sob a ótica das categorias da Semântica do Agir (Machado; Bronckart, 2009), pensando-se: *i) Quais são as motivações atreladas ao agir dos professores como divulgadores/popularizadores da Linguística nas aulas de Língua Portuguesa?; ii) Quais são suas intencionalidades?; iii) Que recursos têm à disposição para o agir?.*



Quando questionados sobre 5) *Como linguista, quais são seus direcionamentos de pesquisa, isto é, o que você tem pesquisado/praticado?*, um (01) diz “*No momento nada*” (Ana/48/PB), dois (02) vinculam-se mais à área de literatura, “*Penso na área literária*” (Cabral/32/PE) e “*Faço doutorado em Literatura, observando as escritas negro-brasileiras*” (Diadorim/29/PB), um (01) assevera “*Atualmente, apenas dou aula*” (Fênix/42/GO), e um (01) diz “*No momento, só funções básicas*” (Polly/32/PB). Em outras palavras, parecem não se identificar com a prática da pesquisa em Linguística. Cabe discutirmos sobre em que medida a identidade do professor de Língua Portuguesa da Educação Básica aproxima-se ou distancia-se da identidade do cientista/linguista e quais as implicações disso?

Por outro lado, há uma docente que diz “*Ultimamente, apenas pesquisei sobre melhores meios de para se tornar atrativo tanto a leitura quanto a escrita do público que recebo todos os anos, pois chegam com dificuldades monstruosas*” (A Marrenta/52/PB). Nesse caso, fica nítida a importância da postura do professor-pesquisador para melhoria do processo de ensino-aprendizagem, isto é, o consumo do conhecimento científico pela professora é motivado para alcançar uma finalidade social: chamar a atenção dos estudantes para as práticas de leitura e de escrita. E ainda: “*Estudo a ADC de Fairclough, os multiletramentos, o letramento crítico e aplico na sala de aula junto aos alunos por meio de alguns projetos*” (CrisSil/53/DF). Aqui, a professora afirma relacionar suas práticas de pesquisa com as de ensino, e o uso de projetos aparece como o recurso para o agir da professora como divulgadora/popularizadora da Linguística em sala de aula.

Quanto à pergunta 6) *Os resultados das suas pesquisas têm chegado ao conhecimento do público leigo ou não-especialista?*, daqueles que responderam que pesquisavam em Linguística na pergunta anterior (ou seja, 25 colaboradores), 8 (32%) responderam que os resultados de suas pesquisas não têm alcançado o público em geral. Para aqueles que responderam positivamente à questão 6, cabe destacarmos a seguinte consideração de Joy/25/PB, que disse pesquisar Análise Dialógica do Discurso: “*Sim, meus alunos, por exemplo*”; JB/56/PA, que tem pesquisado variações e mudanças linguísticas, disse que os resultados dos seus estudos também têm chegado aos seus alunos: “*Sim. Aos meus alunos*”. Por outro lado, uma colaboradora, pesquisadora em políticas linguísticas, flexão verbal e livros didáticos, questiona: “*Não tem. Será que o público leigo se interessaria por isso?*” (Laís/28/PB). Realmente, para que haja interesse, as pessoas precisam conhecer a Linguística e saber para que essa ciência serve, mas até que ponto as pessoas no



cotidiano social (re)conhecem Linguística? Como a Linguística tem beneficiado a sociedade? É bem verdade que as aplicações da Linguística para o desenvolvimento social são muitas, desde a participação do linguista no desenvolvimento de inteligência artificial baseada em conversação à atuação da área forense, pensando-se na investigação criminal a partir de indícios linguísticos, mas será que a formação inicial em Letras, por exemplo, dá conta, nem que seja teoricamente, das diferentes áreas de atuação do linguista?

No tocante à pergunta 7) *As pesquisas científicas da Linguística são (re)conhecidas pela sociedade em geral? Por quê?*, 23 professores (aproximadamente 77%) afirmam que não, 4 relativizam, e 3 dizem que sim. Dentre os motivos para o não, destacamos os excertos que atrelam a responsabilidade da falta de reconhecimento social das pesquisas linguísticas à desvalorização do trabalho do professor e da educação: “*Não são reconhecidas, até porque o trabalho do professor ainda é muito criticado e desvalorizado*” (A Marrenta/52/PB); “*Acredito que não. Porque a Educação não é valorizada pelo poder público e isso se reflete na sociedade de modo geral*” (Maria/46/MG). Esses aspectos da desvalorização tanto do professor quanto da educação atrelam-se ao plano (des)motivacional do agir, o que demanda políticas públicas e investimento para tentar reverter esse cenário.

Destacamos que o eixo do ensino é reforçado como via para divulgação/popularização científica da Linguística na escola na medida em que uma colaboradora destaca a carência de participação da universidade na escola, com vistas a compartilhar o conhecimento acadêmico-científico: “*Não. Professores das universidades, de modo geral, não vão até a escola, a SEED não promove a conexão entre os níveis de ensino*” (Ângela/48/PR).

Ao responder que tais pesquisas têm sido sim reconhecidas, um dos colaboradores destaca:

Acredito que o reconhecimento, sim. Hoje, na condição de professor, tenho notado que o ensino de LP traz questões de fenômenos já estudados no campo da Linguística: compreensão de gênero textual, tipologia, variação, morfossintaxe dentro outros tópicos que em sala de aula os alunos demonstram (re)conhecer sem muito impacto. (Oliveira/33/PB)

Tudo bem. A pergunta que fica é: até que ponto estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio compreendem o contexto sócio-histórico atrelado aos processos de



construção dessas noções tão caras aos estudos linguísticos? Será que os alunos entendem que esses conceitos são científicos assim como o são os conceitos de célula, átomo, velocidade e outros tão caros às ciências biológicas, à química, à física? Será que os estudantes do Ensino Médio sabem quem foram os estudiosos que, muitas vezes, passaram toda uma vida dedicada aos estudos para contribuir com o desenvolvimento científico e, consequentemente, fornecer à sociedade saberes tão necessários à compreensão das interações humanas que são essencialmente mediadas pela língua(gem)? Mas, afinal, qual a necessidade de evidenciar os nomes dos pesquisadores? Na verdade, trata-se de valorização do trabalho qualificado e sério conduzido por pessoas que querem contribuir para o desenvolvimento da própria humanidade, fazendo-a entender melhor os seus usos linguísticos e as interações sociais estabelecidas.

Também, a Linguística é apontada como pouco reconhecida socialmente pela aparente ausência de utilidade: “Acho que não. A linguística não é vista como ciência e é considerada um estudo de gabinete, de academia. Infelizmente. Em minha conversa com amigos sempre ouço a pergunta: para que serve isso?” (Cláudia/56/MG). Esse aspecto também já fora discutido a partir da resposta da colaboradora Laís/28/PB à questão 6 e tem relação com o plano (des)motivacional (Machado; Bronckart, 2009). Aprender Linguística vai mudar em que a vida de uma pessoa não-especialista?

Sobre o questionamento 8) *Na condição de professor(a) de Língua Portuguesa, você aborda algum conhecimento científico no cotidiano da sala de aula? Se sim, exemplifique.*, todos os colaboradores responderam que sim. Dez deles referiram-se a temas de áreas distintas da Linguística: “Sim, principalmente agora com o COVID, sobre a vacina” (A Marrenta/52/PB), “[...] a ciência por trás do balançar dos braços ao caminhar, o mito de que ratos gostam de queijo, o avanço das pesquisas em relação à insulina em comprimido, entre outros” (Gótica Suave/32/PB). Vinte (20) colaboradores utilizam-se de temas/conteúdos relacionados à Linguística para exemplificar, de modo que alguns mencionam tais saberes como pano de fundo para a prática pedagógica (as duas primeiras), ao passo que outros tratam-nos como objetos de ensino: “Sim. Quando ensino produção textual busco fundamentar minhas atividades baseadas nas abordagens de ensino de Lea e Street” (Afrodite/49/PI); “Muitas vezes. A teoria é necessária para fundamentar nossa fala em sala de aula, costumo me respaldar em Saussure, Geraldi, Travaglia, Solé, Rojo...” (Laura Souza/42/PB); “Sim. Variação linguística, por exemplo” (Ane/48/PE); “Sim, diversas vezes, quando fazemos discussão por exemplo



do preconceito linguístico” (Fênix/42/GO). Essa resposta de Afrodite revela o imbricamento do plano da intencionalidade do agir à prática pedagógica, na medida em que ela se utiliza da teoria para fundamentar a prática, aspecto também evidenciado na resposta de Laura Souza.

Ainda, cabe destacarmos a demanda de colaboradores em fazerem os estudantes entenderem que os professores também são agentes da ciência: “*Sim. Os estudos da aquisição da linguagem, por exemplo. Acho importante que os alunos saibam que minha área é uma ciência. Quando pergunto para os alunos qual ciência conhecem, citam logo Biologia*” (Cláudia/56/MG). Importante destacar que a colaboradora Cláudia se encontrava, à época da geração/coleta de dados, com doutorado em andamento, permitindo discutirmos sobre a identidade do professor-pesquisador como uma possível premissa para a agência do professor de Língua Portuguesa da Educação Básica como divulgador/popularizador da Linguística na escola.

No que tange à pergunta 9) *Há abordagem de conteúdos da ciência linguística nas suas práticas em sala de aula? Se não, por quê? Se sim, como ocorre essa abordagem?*, quando inquiridos diretamente sobre os conteúdos de Linguística na sala de aula, uma colaboradora afirma “*Não exponho como Ciência. Apenas exemplifico e estudo mostrando a riqueza linguística que temos*” (JB/56/PA), o que parece ratificar a resistência que Teles e Lopes (2019) discutem em relação ao espaço da aula de Língua Portuguesa para abordagem de ciência linguística. Outro, a partir do confronto com a pergunta a que respondeu, parece passar a demandar a inserção de tais conteúdos em sua sala: “*Geralmente não. Preciso incluir*” (Cabral/32/PB), configurando-se uma tomada de consciência em relação ao plano motivacional. Ainda, uma colaboradora discorre: “*Muito pouco. Seguir uma metodologia da ciência linguística toma bastante tempo, acabo fazendo mais ao trabalhar projetos. Gostaria de poder trabalhar todo o ensino a partir disso, porém há também a demanda dos clientes, que pressionam a escola*” (Fulana/35/SP), revelando o tempo de sala de aula como recurso para o agir que impacta o plano motivacional. O trabalho com a Linguística como ciência demanda um tempo escolar costumeiramente já sobrecarregado com aulas de gramática normativa e história da literatura. Não que esses saberes sejam desnecessários, necessariamente, mas que não podem ser o cerne para o trabalho do professor de Língua Portuguesa, tendo em vista as perspectivas sociointeracionista e discursiva preconizadas pela BNCC (Brasil, 2018).



Outra colaboradora afirma: “*De certa forma sim, mas sem uma preocupação terminologia*” (Bidu/37/RJ). Mas por que sem preocupação terminológica? As discussões terminológicas são importantes, pois integram os saberes sistematizados por uma comunidade de fala. Na Biologia, os termos célula, gene, cromossomo, DNA. Na Geografia, paisagem, clima, tempo, erosão. Na Química, matéria, substância, hidrocarbonetos. Por que com a Linguística vai ser diferente? A terminologia tem a ver com uma faceta da identidade linguístico-cultural-científica de uma área do conhecimento que se faz ciência, e, no caso, de Bidu, parece se atrelar ao plano da intencionalidade no sentido de que o conteúdo parece ser mais relevante do que a sistematização científica por trás dele e que, às vezes, ecoa na terminologia.

Houve colaboradores que enfatizaram a Linguística como aporte teórico-metodológico que subsidia a prática docente:

Como já defendido por Geraldí (1999), em O texto em sala de aula, toda atuação do professor está perpassado por uma abordagem teórico-prático, de modo consciente ou não. Comigo não seria diferente: a noção de concepção de língua(gem), entendendo como interação, heterogênea, que requer a imagem do outro. (Oliveira/33/PB)

De fato, à prática docente estão subjacentes construtos sócio-históricos e culturais que configuram os pré-construídos do professor e que são cruciais para o exercício do magistério. Não obstante, defendemos aqui que, para além de servir como pilastra abstrata orientadora da prática docente, a Linguística seja ensinada de forma explícita, como bem exemplifica a colaboradora:

Sim. Como trabalho com alunos adolescentes, prefiro abordar assuntos em toda de conversa, para ficar algo mais dialógico. Assim, por meio de conversa, vamos dialogando sobre as minhas próprias pesquisas, por exemplo. É uma forma de despertar o interesse. Acho que seria interessante vídeos, mas temos poucos vídeos de divulgação científica na nossa área. (Cláudia/56/MG)

O ensino explícito de Linguística na escola pode funcionar como espaço de autoformação do próprio professor de Língua Portuguesa da Educação Básica. O início pode ser desafiador, mas a prática pode ser pensada como o processo de lapidação de uma pedra preciosa. Isso não significa dispensar a formação inicial e continuada atrelada à construção da identidade de



divulgador/popularizador da Linguística na escola, mas como um processo contínuo de aperfeiçoamento.

Por fim, questionados sobre 10) Você se considera um divulgador/popularizador dos conhecimentos científicos da Linguística em sala de aula? Por quê?, 5 colaboradores responderam que não, ao passo que 25 disseram que sim. Dentre os que disseram não, a consciência sobre a necessidade de mais formação parece impactar Ane/48/PE, configurando-se elemento importante para o plano motivacional do agir: “*Não completamente. Falta estudar mais*”. Interessante notar ainda como a pesquisa desenvolvida favoreceu a emergência da consciência sobre a identidade do professor de Língua Portuguesa da Educação Básica como potencial divulgador/popularizador científico da Linguística, na medida em que a colaboradora Fênix/42/GO também reforça a finalidade social, no plano da intencionalidade do seu agir: “*É engracado, nunca havia parado para pensar sobre essa perspectiva, mas sim. Continuamente a disciplina nos leva a instigar os alunos a discutir e pensar conhecimentos linguísticos*”. A incerteza sobre a identidade do professor como divulgador/popularizador é ilustrada na resposta de Fulana/35/SP: “*Não. É uma boa pergunta; o porque ainda está vago para mim, mas talvez eu considere divulgação científica algo mais relacionado a mídia, redes sociais...um público muito mais amplo do que os 30 alunos de uma sala*”, embora possamos questionar: o que são 30 alunos de uma sala quando comparados a milhares ou milhões de pessoas que são alcançadas pela mídia?

Depreendemos, também, uma aparente relação entre a identidade de professor-pesquisador (Bortoni-Ricardo, 2008) e o maior potencial agentivo em relação à divulgação/popularização da Linguística na escola: “*Sim. Porque a minha prática docente é atravessada pelo meu exercício científico*” (Carol/37/PB); “*Sim, porque, tento divulgar as pesquisas da minha área que possam ter relevância e despertar o interesse dos alunos*” (Cláudia/56/MG). Sobre esse tópico, importante perceber sua relação com o plano motivacional, isto é, o professor-pesquisador parece se sentir mais motivado a divulgar/popularizar a Linguística, até porque também pode se ver como agente de construção da própria ciência, além de que pode favorecer finalidade sociais, no plano da intencionalidade, haja vista a responsabilidade social atrelada a essa identidade docente-divulgador-popularizador.



Uma outra faceta do perfil do professor como potencial divulgador/popularizador da Linguística é o da necessidade de profundidade na abordagem dos conteúdos, para além de superficialidades que não conseguem explicar fenômenos linguísticos, o que tem relação com a finalidade social cara à identidade do divulgador/popularizador: “*Sim. Porque eu assumi essa postura e o compromisso comigo mesma de mostrar aos alunos o que é a linguagem. Não quero que seja só uma disciplina sem o mínimo de profundidade*” (Laís/28/PB).

Entendemos que, nas aulas de Língua Portuguesa, no tocante à variação linguística, os professores poderiam ir além da mera explicitação de que palavras como macaxeira e mandioca variam a depender da região geográfica. Mas você pode nos perguntar: se mal conseguimos ocupar espaço frente à predominância da gramática normativa, como é que é possível ir além? Não seria, como diz o ditado, “colocar a carroça na frente dos bois?”. Ninguém disse que seria fácil. Trata-se de um processo que demanda, em primeiro lugar, formação inicial e continuada que favoreça o desenvolvimento de profissionais da área capazes de alavancarem uma mudança abrupta na abordagem sobre língua(gem) em sala de aula. E ainda: se formos aguardar “de braços cruzados” essas formações e todas essas mudanças, dificilmente “o moinho irá girar”. É preciso agir!

Antes de finalizarmos, vejamos o que disse o colaborador Will/24/GO em relação a se sentir ou não divulgador/popularizador da Linguística: “*Não, porque nunca fiz uma aula Exatamente programada para o fim de divulgação científica*”. Defendemos que não se trata de fazer aula específica para o fim de divulgação científica, mas sim que a divulgação científica presentifique-se em todas as aulas ou na maioria delas. Os estudos linguísticos são científicos, logo o ensino de Língua Portuguesa deve ser pautado no ensino da Linguística? Pergunto-lhe, professor de Língua Portuguesa, o que você ensina na sua aula? Você ensina algo mais próximo de Astrologia, isto é, sobre como a posição dos astros influencia a vida das pessoas em termos financeiros, de amor e de outros aspectos, ou você ensina sobre conhecimentos científicos respaldados em um contexto sócio-histórico-cultural de produção de saberes especializados e qualificados, capazes de contribuir para o desenvolvimento humano, social, econômico, científico e tecnológico?

Diante dessas provocações, alcançado o terceiro objetivo específico a que nos dispusemos neste trabalho, *iii) investigar a dimensão agentiva do professor em relação a ações de*



divulgação/popularização científica da Linguística nas aulas de Língua Portuguesa, passemos às considerações finais.

6 Considerações finais

Neste trabalho, tomou-se o papel do professor de Língua Portuguesa como agente potencial de divulgação/popularização da Linguística na escola. Um dos resultados da pesquisa de doutorado de Sousa (2025) que chamou a atenção foi exatamente a menção recorrente à escola como espaço para divulgação/popularização da Linguística no Brasil, em um cenário no qual as redes sociais digitais têm sido corriqueiramente utilizadas por linguistas para compartilhar conhecimentos científicos linguísticos ao público em geral. Diante disso, este trabalho aqui construído buscou justamente pensar a escola como espaço propício à divulgação/popularização da Linguística, situando o professor de Língua Portuguesa como agente crucial nesse processo.

Quanto ao objetivo geral lançado, qual seja, *avaliar o papel social do professor de Língua Portuguesa da Educação Básica como agente nas práticas linguageiras de divulgação/popularização científica da Linguística na escola*, constatamos a potência desse profissional para estabelecer, na sala de aula da Educação Básica, um espaço produtivo para discussões/reflexões sobre ciência linguística e, nessa perspectiva, para formar cidadãos cientificamente críticos, reflexivos e participativos frente às questões de língua(gem) que integram o cotidiano social. Nessa lógica, cabe pensarmos o papel social desse professor no sentido de instigar os estudantes à cidadania sociocientífica, sob a prisma da Linguística, com vistas a pensar de forma crítica e científica sobre o objeto língua(gem), não só em sala de aula, mas mundo afora, no dia a dia, nas interações sociais.

Diante disso, a divulgação/popularização científica da Linguística na escola deve ser pensada como parte constitutiva da identidade profissional e do papel social do docente de Língua Portuguesa, aspecto que demanda tanto formação inicial e continuada, como também reformulação do currículo. Há até quem defenda a criação da disciplina de Linguística na escola, todavia essa medida poderia inflar as matrizes curriculares já tão comprometidas com a reforma do Novo Ensino Médio, além de que pode abrir margem para o componente de Língua Portuguesa ficar à mercê de abordagens cada vez mais tradicionalistas/normativistas que desconsideram as realidades sociais e interacionais. Deve-



se pensar na Linguística atravessando o currículo, sob os prismas da cidadania sociocientífica e do desenvolvimento do senso crítico-investigativo dos estudantes frente às questões de língua(gem) que integram o cotidiano.

Defendemos, assim, que quaisquer professores que trabalhem com língua(gem) possam atuar sob esse viés, tanto os professores de Língua Portuguesa quanto os de língua estrangeira, como também os de outras áreas do conhecimento, a exemplo dos de Biologia, de Química, de Física, de Matemática, de História, de Geografia, haja vista o caráter inter/trans/indisciplinar (Moita Lopes, 2006, 2009) da ciência linguística.

CRediT

Reconhecimentos: Não é aplicável.

Financiamento: Não é aplicável.

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Aprovação ética: A pesquisa foi submetida e aprovada no Comitê de Ética da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Processo n. 73012423.8.0000.5188, Parecer n.: 6.264.838.

Contribuições dos autores:

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: MOÉS, Guilherme.

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: PEREIRA, Regina Celi Mendes.

Referências

ABRALIN. *Abralin em Cena – Popularização da Linguística*. Abralin, Eventos, 2021. Disponível em: <https://abralin.org/evento/abralin-em-cena-popularizacao-da-linguistica/>. Acesso em: 22 fev. 2025.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular – BNCC*. Ministério da Educação, Brasília, DF, 2018.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sócio-discursivo*. Tradução Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

BUENO, Wilson da Costa. *Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente*. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, SP, 1984.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.



GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. *Divulgação científica: linguagens, esferas e gêneros*. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2013.

LEIBRUDER, Ana Paula. O discurso de divulgação científica. In: BRANDÃO, Helena Nagamine. *Gêneros do discurso na escola*. – 5. ed. – São Paulo: Cortez, 2011, p. 231-255.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MACHADO, Anna Rachel; BRONCKART, Jean-Paul. (Re-)Configurações do trabalho do professor construídas nos e pelos textos: a perspectiva metodológica do grupo Alter-Lael. In: ABREU-TARDELLI, Lília Santos; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes (Orgs.). *Linguagem e educação: o trabalho do professor em uma nova perspectiva*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009, p. 31-77.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In.: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar (Orgs.). *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 11-24.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 85-105.

MOTTA-ROTH, Désirée. Popularização da ciência como prática social e discursiva. *Coleção HiperS@beres*, Santa Maria, v. 1, 2009, p. 130-195.

QUAREZEMIN, Sandra. Ensinar linguística na escola: um confronto com a realidade. *Working Papers em Linguística*, v. 18, n. 2, 2017, p. 69-92.

REIS, José. A divulgação científica e o ensino. *Ciência e cultura*, v. 16, n. 4, 1964, p. 352-353.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 31-42.

SOUSA, Guilherme Moés Ribeiro de. *A divulgação/popularização científica da Linguística no Brasil: uma análise histórica, agentiva e responsiva*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), João Pessoa, 2025.

SOUSA, Guilherme Moés Ribeiro de. *Letramento científico no contexto escolar: um olhar descendente para a produção do artigo de divulgação científica no Ensino Médio*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), João Pessoa, 2022.

TELES, Edsel Rodrigues; LOPES, Ruth Elizabeth Vasconcellos. Linguística Formal como ensino de ciência na escola básica: uma experiência nas aulas de português. *Revista da ABRALIN*, [S. I.], v. 17, n. 1, p. 110–150, 2019. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/494>. Acesso em: 22 fev. 2025.

ZAMBONI, Lilian Márcia Simões. *Cientistas, jornalistas e a divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso de divulgação científica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.